

Rompendo o Silêncio: Vozes Femininas em Atenas*

Fábio de Souza Lessa

Abstract

The objective of this article is to apprehend the specific spaces of female voice in the athenian society of the Classical period.

Propomos neste artigo apreender os espaços nos quais contamos com a fala feminina na sociedade ateniense do período clássico, observando os limites permitidos à atuação da esposa enquanto disseminadora de informações entre parentes, amigas (*philai*), vizinhas e associações religiosas (grupos organizadores e praticantes de festas e rituais).

Observar a participação da esposa enquanto transmissora de informações entre os grupos que constituem a sociedade ateniense pressupõe duas considerações *a priori*:

A primeira corresponde a proposta que compartilhamos de analisar a divisão cultural dos sexos enquanto uma interação entre o *feminino* e o *masculino* ao longo dos variados contextos culturais. Esta consideração nos remete à própria categoria *gênero*, que sublinha o aspecto relacional entre mulheres e homens, visto que, nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir a partir de um estudo que os considere totalmente em separado (IRIARTE: 1990, pp. 18-19; SOIHET: 1997).

A segunda nos direciona para a constatação de que toda sociedade é formada por grupos sociais variados em relações entre si. Estes grupos

* Este artigo foi apresentado como comunicação no VIIIº Ciclo de Debates em História Antiga: Identidade e Alteridade no Mundo Antigo, promovido pelo LHIA-IFCS-UFRJ, no período de 16 a 20 de novembro de 1998. Ele resulta do estado atual de pesquisa ligado ao projeto *Mélissa e Redes Sociais Informais na Atenas Clássica*, desenvolvido no PPGHIS-UFRJ para doutoramento e sob a orientação da Profª Drª Neyde Themli.

processam um tipo de coesão, que é mantida por processos de integração e interação sociais. No caso *poliade*, este processo de integração se constitui pela aceitação do *outro*, pelas relações de alteridade, estabelecendo-se um sistema hierárquico mais ou menos flexível de margens/limites sociais. A mulher é, na sociedade *poliade*, por excelência o *outro*, e enquanto transmissora de informações pode atuar também como um elemento de integração dos variados grupos. A fala, a comunicação, que na nossa pesquisa não se limita a ser um atributo especificamente masculino, foi o elemento que orientou o sistema de comunicação na *pólis*. Ver, falar e ouvir aparecem destacados nos textos e nas imagens da antiguidade ateniense. Isto porque, de acordo com Marc Augé, a simbolização, que é inerente às sociedades humanas, objetiva tornar legível a todos que frequentam um dado espaço um certo número de esquemas organizadores que orientam a representação do social (AUGÉ: 1997, p. 14).

A proposta de se trabalhar com a circulação de informações e a alteridade entre as mulheres atenienses nos remete ao próprio processo de globalização vivenciado pelo mundo contemporâneo e à ênfase de conceitos cada vez mais presentes neste final de século.

A *aceleração da História*, na acepção de Marc Augé, oferece uma dinâmica à vida contemporânea que permite *encurtar* distâncias, aproximar o passado do presente e perceber as construções da *diferença*. Este aspecto é apreendido em nossa pesquisa a partir do universo *poliade*, que se constrói através de oposições complementares: cidade e campo; cidadão e não cidadão; livre e escravo; rico e pobre; civilizado e *bárbaro*; homem e mulher.

De acordo com Sian Lewis, o desejo de ouvir novidades/informações está documentado em todas as sociedades, sejam elas antigas ou modernas (LEWIS: 1996, p. 2). Mas, em se tratando das *póleis*, a palavra aparece sempre associada ao universo masculino, na medida em que se constitui no seu equipamento político por excelência (VERNANT: 1986, p. 34).

O cidadão *ideal* devia aparecer em público, pois assim se comunicava com os demais, por meio de palavras que é de seu domínio e atributo, e pela ação de estar em público, deixando aos olhos dos demais as informações sobre o seu caráter (LEWIS: 1996, p. 2). Diferente do cidadão, a mulher aparece nos textos marcada pela carência do *lógos*, o que a impossibilitava de participar da vida pública. Dessa forma, a subordinação da mulher ao homem pode ser verificada inclusive no domínio da palavra, onde as vozes das mulheres, desprovidas do *lógos*, pareciam sempre dissonantes (PRIETO: 1990, p. 450).

Esta subordinação da mulher ao homem era também justificada, na sociedade ateniense, através da fisiologia, dos graus de calor dos corpos. Em *Carne e Pedra* de Sennett, observamos que os gregos usavam a ciência do calor corporal para ditar regras de dominação e subordinação. Desta forma, os homens e somente eles tinham uma *phýsis* adequada ao debate e à argumentação (SENNETT: 1997, p. 32). Deriva do calor do corpo a capacidade humana de ver, ouvir, agir e reagir, e mesmo falar, o que significa dizer que a capacidade de resposta aos estímulos verbais dependeria da quantidade de calor no corpo receptor. Logo, o corpo *frio*/feminino não é tão rápido nas suas respostas, o que justificava o silêncio feminino. A fisiologia grega reservava às mulheres os seguintes atributos: fria, passiva e frágil, por isso inferiores; enquanto que os homens eram: quentes, fortes e participantes, logo superiores (SENNETT: 1997, p. 40).

O quadro abaixo aponta para os espaços de fala feminina presentes em alguns autores antigos. A documentação textual tem sido relida observando as referências que remetem à temática silêncio-fala feminina na Atenas do período clássico:

Silêncio/Fala Feminina

Códigos: Euforizado = (+) valorado/permitido

Disforizado = (-) censurado/proibido

Autor	Texto	Silêncio	Fala	Situação de fala	Espaço / lugar de fala
SEMÔNIDES (séc. VII a.C.)	<i>Iambos</i>	+	-	- grupos de mulheres conversando	- <i>Pólis</i> /externo
TUCÍDIDES (460-400 a.C.)	<i>História da Guerra do Peloponeso</i>	+ normalidade	+ anormalidade	+ grupos de trabalho (obras públicas) + grupos de defesa da <i>pólis</i> + funerais / lamentações	+ construção de muralhas na <i>pólis</i> / externo. + <i>Pólis</i> /externo. + externo
SÓFOCLES (496-406 a.C.)	<i>Ájax</i>	+	-	- esposa questionando ação do marido - marido dialogando com a esposa + marido repreende esposa por falar demais.	- <i>oikos</i> / interno (questionar o marido) - diálogos no <i>oikos</i> + interior do <i>oikos</i> (repreensão masc.)

Autor	Texto	Silêncio	Fala	Situação de fala	Espaço / lugar de fala
ARISTÓTELES (384-322 a.C.)	<i>Política</i> (1260 b e 1277 b)	+	-		- <i>Pólis</i> ¹
		<i>virtude</i>	<i>tagarela</i>		
ARISTÓFANES (450-385 a.C.)	<i>Lisistrata</i>	-	+	+ grupos de vizinhas + redes sociais de amigas (<i>phílei</i>) + reunião esposas + diálogos com marido. + assuntos públicos	+ <i>Pólis</i> / exterior + <i>oikos</i> , <i>pólis</i> e inter- <i>poliade</i> / interno e externo. + interesse pela guerra / externo. + <i>oikos</i> / interior
ARISTÓFANES	<i>As Mulheres que Celebram as Tesmofórias</i>	- Não há referência ao silêncio	+ Referência à escrita.	+ religioso + reunião feminina + público/restrito às esposas + redes sociais de amizade	+ espaço cívico + assembleia feminina + espaço ritual + <i>ásty</i> e <i>khóra</i> / externo
ARISTÓFANES	<i>Assembleia de Mulheres</i>	-	+	+ contato com vizinhas- <i>geítona</i> + público/assembleia + visitas às casas de amigas. + experiência adquirida pela audição.	+ <i>Pólis</i> / externo + assembleia / <i>Phix</i> + <i>Oikos</i> (o seu próprio e o das amigas) / interno

Os autores antigos citados acima quando euforizam o silêncio o associam a uma virtude inerente ao comportamento ideal esperado para uma esposa legítima. Semônides de Amorgos ao associar diferentes tipos femininos a animais conclui que o tipo ideal de esposa é o da mulher-abelha, que segundo ele, não se alegra, assentada, conversando eróticas conversas — *légousin aphrodisíous lógous* (8, 90-91). Diferente da mulher-abelha, a mulher-cadela tudo quer ouvir, tudo quer ver e mantém constantemente o inútil grito (8, 13-15 e 8, 19-20). Assim sendo, o silêncio é concebido como o maior ornamento das mulheres (SÓFOCLES. *Ájax*, vv. 405-408)

No estágio atual da pesquisa já conseguimos listar alguns espaços nos quais a fala feminina se fazia presente: grupos de trabalho, sejam domésticos ou vinculados à obras públicas em períodos de anormalidade política, como duas das referências fornecidas por Tucídides (1.90 e 5.82); grupos em defesa da *pólis*, como em Tucídides (2.4 e 3.74) ou nas comédias *Lisístrata* e *Assembléia de Mulheres* de Aristófanes, nas quais encontramos as esposas protagonizando medidas em prol da coesão social e da manutenção da comunidade; atividades religiosas, como os funerais e as *thesmophórias*; o interior do *oikos*, onde encontramos vários indícios da existência de diálogos entre esposa e marido, como os estabelecidos entre Tecmessa e Ájax (SÓFOCLES. *Ájax*, vv. 400-404, 437-441 e 811-813); grupos de vizinhas (*geítona*); as redes sociais² de amigas (*philai*) e as reuniões femininas acerca de problemas públicos como nos apresenta Aristófanes nas comédias *Lisístrata*, *As Mulheres que Celebram as Tesmofórias* e *Assembléia de Mulheres*.

Estes espaços serão concebidos por nós como propícios a construção de lugares de fala feminina, sendo a comunicação estabelecida pelas mulheres entendida como um elemento de coesão social que vai proporcionar-las a criação de uma esfera de validação de suas práticas e de uma existência social própria.

Partimos do pressuposto de que a *pólis* era composta de pequenos grupos sociais — campo, cidade e vizinhança — e que as informações/mensagens permeavam também estes espaços. Segundo S. Lewis, pertencer a uma *koinonía* (comunidade, comunicação em grego) significava dividir entre si as informações disseminadas, ou seja, implicava em estar inteirado dos acontecimentos e dos saberes da sociedade. Junto aos grupos que compunham a *pólis* é que circulavam as informações que não possuíam a conotação de uma simples diversão, mas implicavam:

- 1- na divulgação e imposição de um padrão comum de comportamento;
- 2- na definição do *status social*;
- 3- no estreitamento dos laços junto à *koinonía* (LEWIS: 1996, pp. 5 e 9)

No interior da sociedade *pollade*, a integração era mantida, acreditamos, pelo fato das pessoas dialogarem em suas próprias casas, com seus vizinhos, na *agorá*, nos espaços públicos e privados, até mesmo porque as *póleis* antigas tinham nas questões privadas claro interesse público (LEWIS: 1996, p. 9). A própria experiência, enquanto oradora, adquirida pela personagem Praxágoras na *Assembléia de Mulheres* pode atestar a convivência feminina com o diálogo, mesmo que no caso de Praxágoras a aprendizagem da oratória tenha se dado pela observação e não propriamente pela prática (vv. 243-44). Outro aspecto a ser salientado é que Aris-

tófanes busca demonstrar que tanto Praxágoras quanto Lisístrata conheciam perfeitamente bem a dinâmica da vida pública, da *eklésia*, certamente como uma crítica política à sociedade ateniense, e estão inteiradas dos acontecimentos políticos, o que fica evidente na condução de suas propostas. A primeira propõe que o governo da *pólis* fosse entregue às mulheres, enquanto a segunda organiza uma greve de sexo para forçar o fim da guerra e o retorno da paz.

Em se tratando de uma sociedade de comunicação essencialmente oral, a circulação de informações era vital. Acreditamos que as mulheres também desempenhavam de forma relevante a atividade de disseminadora de informações, o que permitia uma maior integração social. Os seus contatos com suas *phílai*, quando da realização de suas atividades domésticas, que pressupomos requeria, muitas vezes um trabalho conjunto, ou mesmo em ocasiões de visitas às vizinhas; nas suas idas à fonte; na colheita de frutos, as esposas encontravam possibilidades de dialogarem entre si, transmitindo informações e, ao mesmo tempo, se mantendo informadas acerca dos acontecimentos e mesmo dos saberes que circulavam na sociedade *poliade*.

Sian Lewis argumenta que as mulheres tomavam parte, na Grécia antiga, do agir em prol da disseminação de novidades locais, mas seus acessos às informações estratégicas eram de segunda, e não de primeira mão (LEWIS: 1996, p. 20). Certamente, uma outra via essencial de acesso feminino à informação era estabelecida no próprio interior do *oikos*, no momento em que os esposos dialogavam na vida cotidiana. O historiador Luís Garcia Iglésias trabalha com a hipótese de que as opiniões das esposas sensibilizavam os seus maridos nas decisões que estes tomavam na Assembléia (IGLÉSIAS: 1986, p. 108). Desta forma, é enfatizada a participação da esposa, de forma indireta, na vida política. Isto porque, as questões de decisão política necessitavam ser discutidas no âmbito privado assim como no público a fim de formar uma opinião, chegar ao *consenso* (LEWIS: 1996, p. 14).

Neste sentido, o papel feminino era duplo: como esposas e filhas elas tinham o dever de prever o potencial de prejuízo que uma informação poderia trazer ao escapar do interior do *oikos*; como vizinhas e integrantes de uma *koinonía* elas necessitavam fazer circular uma informação sobre os outros objetivando orientar um padrão de comportamento (LEWIS: 1996, p. 12).

Podemos afirmar a nível de conclusão que procuramos entender os espaços de fala feminina como esferas próprias de sua atuação social no interior da *pólis*, que tradicionalmente as definiu pelo silêncio, sua maior

virtude. Diferente do que previa o *modelo ideal* de esposa (*mélissa*), a mulher agia como elemento de integração *poliade* justamente ao romper com o silêncio, ao disseminar as informações que revitalizava o processo de identidade junto ao grupo de parentes, amigas, vizinhas e associações religiosas. Portanto, as mulheres criam lugares de fala e estabelecem canais de circulação de informações do *oikos* à *pólis*. Conforme já dissemos, pertencer a uma *koinonía* implicava na divulgação de informações entre todos.

Bibliografia

Documentação textual

ARISTOPHANE. *Les Thesmophores, Les Grenouilles*. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

_____. *Lysistrata*. Paris: Les Belles Lettres, 8ª ed., 1977.

_____. *L'Assemblée des Femmes*. Paris: Les Belles Lettres, 5ª ed., 1982.

ARISTÓTELES. *Política*. Trad. M.G. Kury. Brasília: UNB, 1988.

SIMÔNIDES DE AMORGOS. "Simônides de Amorgos e Minnermo". Trad. J. L. Brandão. In: *Ensaio de Literatura e Filologia*. Belo Horizonte: UFMG, 1983 (bilingüe).

SÓFOCLES. *Ájax*. Trad. M.G. Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. M.G. Kury. Brasília: UNB, 1987.

Bibliografia instrumental e específica

AUGÉ, M. *Por uma Antropologia dos Mundos Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BOTT, E. *Familia y Red Social*. Trad. R. Gobernado. Madrid: Taurus, 1990.

DETIENNE, M. "Dionysos en ses Parouses: un Dieu Épidémique". In: *L'Association Dionysiaque dans les Sociétés Anciennes*. Rome: Ecola Française de Rome, 1986, pp. 53-83.

- FQUCART, P. *Associations Religieuses chez les Grecs: Thiasés, éranes, Orgéons*. Paris: Klincksieck, 1973.
- GINER, J.C. *La Amistad: Perspectiva Antropológica*. Barcelona: Icaria, 1996.
- IGLÉSIAS, L.G. "La Mujer y la Pólis Griega". In: GONZALES, E.G. (org.). *La Mujer en el Mundo Antigo*. Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid, 1986.
- IRIARTE, A. *Las Redes del Enigma: voces Femeninas en el Pensamiento Griego*. Madrid: Taurus, 1990.
- LEWIS, S. *News and Society in the Greek Polis*. London: Chapel Hill, 1996.
- PRIETO, A. "La Parole Féminine dans la Grèce Ancienne". In: *Annales Littéraires de L'Université de Besançon*. Paris: Les Belles Lettres, 1991.
- SENNETT, R. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1997.
- SOIHET, R. "História, Mulheres, Gênero: Contribuições para um Debate". In: AGUIAR, N. *Gênero e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Tempos, 1997.
- VERNANT, J-P. *As Origens do Pensamento Grego*. São Paulo: Difel, 1986.

Notas

¹ A fala feminina nos capítulos 1260 b e 1277 b da *Política* é disforizada, não apresentando situação de fala; logo os lugares de fala são disforizados.

² Por *rede social* podemos entender um grupo no qual cada pessoa está, de alguma maneira, em contato com um número de pessoas, algumas das quais estão diretamente em contato entre si enquanto outras não (BOTT: 1990, p. 98). De acordo com J.C. Giner, rede social é uma dimensão integrada pelos vínculos que unem as pessoas no cotidiano (a confiança, por exemplo,) e que repousam no intercâmbio recíproco de mensagens, bens e serviços. Dentro do conjunto social, estes intercâmbios e transações possuem um caráter informal e se acham fora de validade legal (GINER: 1996, p. 53).